

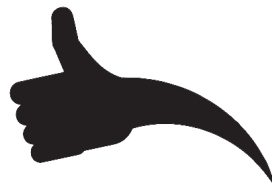
a vida, o universo e tudo o resto

douglas adams

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Para a Sally

P R E F Á C I O

de Simon Brett



Sou um indivíduo único na história do mundo — e, deveras, de todo o universo. Fui a única pessoa a ter recebido um manuscrito de Douglas Adams dentro do prazo. O motivo para tão exaltada distinção prende-se com o facto de ter sido o produtor da BBC que encomendou o primeiro guião de rádio para *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*¹, e uma vez que o episódio-piloto só poderia ser gravado quando estivéssemos na posse de palavras que gravar, Douglas acabou por realmente entregar a sua produção a tempo. Claro que, a partir desse momento, a sua propensão para a procrastinação e para o não cumprimento de prazos tornou-se lendária.

Conheci Douglas a par de uma série de outros autores e artistas, como John Lloyd, Griff Rhys Jones e Mary Allen. Douglas contribuíra com algumas rábulas surreais (onde se contava uma peça clássica sobre um piloto *kamikaze* frustrado) para um espetáculo da Cambridge Footlights, onde estive presente um grupo de jovens produtores de rádio de entretenimento ligeiro (onde eu me incluía). Posteriormente, viria a produzir uma versão radiofónica desse espetáculo.

Assim sendo, via, amiúde, Douglas na BBC. Tinha noção do seu potencial para a comédia, mas também sabia bem da frustração que sentia por não ser capaz de encontrar um nicho para os seus talentos invulgares.

¹ Em Portugal conhecido por *À Boleia Pela Galáxia*. (N. de T.)

Nessa altura, o grosso da comédia radiofónica era profundamente estratificada. As rábulas eram estruturadas com todo o cuidado com início, meio e remate, formato que não se adequava à insaciável curiosidade intelectual de Douglas.

Na altura estava também a produzir o programa de comédia sobre atualidade *Week Ending*, para o qual o tentei levar a contribuir. Nunca se vira tão grande disparidade entre programa e autor. Um cérebro como o de Douglas é singularmente incapaz de escrever rapidinhas de trinta segundos acerca de Margaret Thatcher. Algum do seu material apareceu em *The Burkiss Way*, um outro programa que eu estava a produzir e que se aproximava mais do estilo de Adams. Contudo, os principais autores, David Renwick e Andrew Marshall (ambos com posteriores carreiras fenomenais na comédia televisiva), vinham a desenvolver o programa com uma trajetória que dava pouco espaço para contribuições externas.

Pessoalmente, continuava a acreditar na existência de um potencial por explorar em Douglas Adams, pelo que lhe pedi que criasse algumas ideias para um programa próprio. Encontrámo-nos para almoçar num restaurante japonês na sexta-feira, 18 de fevereiro de 1977, altura em que ele me apresentou três ideias. Disse-lhe que a mais promissora parecia ser a comédia de ficção científica a que ele chamara *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*, e que tentaria convencer os meus chefes do Departamento de Entretenimento Ligeiro a encomendar um guião-piloto. O resto, tal como se costuma dizer, ficou para a história. (E, curiosamente, nem eu nem Douglas nos voltámos a conseguir lembrar de quais haviam sido as duas ideias descartadas.)

Assim sendo, na terça-feira, 28 de junho de 1977, no Paris Studio de Lower Regent Street, gravámos o guião-piloto de *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*. Esse seria o primeiro e último episódio que eu produziria. Não que eu não desejasse continuar, mas recentemente aceitara um novo trabalho na London Weekend Television. E a série que seria desenvolvida não poderia ter ficado em melhores mãos do que a pessoa que recomendei para o meu lugar — Geoffrey Perkins, um brilhante produtor de comédia cuja morte, à semelhança da de Douglas, foi demasiado precoce.

A 12 de julho, reproduzi perante os meus chefes a gravação montada

do piloto. Os três passaram toda a meia hora da apresentação num silêncio empedernido. No final da apresentação, e reconhecendo que acabara de ouvir algo muito diferente da produção habitual do departamento, o diretor de Entretenimento Ligeiro, Con Mahoney, perguntou-me: — Isto é engraçado, Simon? — Garanti-lhe que sim, era, e, nesse momento, ele apoiou incondicionalmente o projeto.

Claro que seria a partir desse guião-piloto que *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy* se transformaria numa sensação editorial internacional, a «trilogia de cinco», da qual *A Vida, o Universo e Tudo o Resto* é o volume três.

Neste livro encontramos todas as marcas da escrita de Douglas Adams, sendo, porventura, a mais marcante o prazer imenso com as potencialidades da língua (inglesa ou outra). Por vezes, os efeitos são deveras simples, como, por exemplo, quando diz que a nave foliona «tentou endireitar-se, mas só se entortou». Outras imagens serão mais complexas, mas nunca perdem o toque de perfeição. Eis uma descrição do deus nórdico Thor: «Expandiu o peito, deixando bem claro que era o tipo de homem a quem só deixamos chegar a mostarda ao nariz quando acompanhados por bifanas em quantidade suficiente.»

Temos depois as palavras inventadas por Douglas. Durante uma cena característica, em que um colchão enceta uma conversa com Marvin, o Androide Paranoico, encontramos «flolloped», «globbered» e «vollued», palavras que se sentiriam perfeitamente à vontade no *Jabberwocky* de Lewis Carroll.

Tenho, para mim, que Douglas foi a mente mais original com que já me deparei. Dispunha da capacidade única de estabelecer ligações entre ideias díspares. No mundo em que se anda À Boleia Pela Galáxia, parece bastante lógico que uma festa vogue indefinidamente pelo espaço, ou que se baseie um novo sistema matemático no comportamento dos comensais de um restaurante.

A Vida, o Universo e Tudo o Resto é o livro em que Douglas mais se aproxima de um verdadeiro enredo. Claro que, tal como admitiria prontamente, ele não era muito bom com enredos, pelo que o enredo não é grande coisa. Mas não que isso importe. Não se lê Douglas Adams pelos enredos, tal como também não se lê Raymond Chandler pelas tramas. Lemos estes autores pela sua linguagem, e pelos mundos imaginativos que criam.

Portanto, aprecie este livro. O processo de escrita era profundamente lento para Douglas, mas valia sempre a pena esperar pelos resultados. E *A Vida, o Universo e Tudo o Resto* merece ainda outra distinção rara. É um dos muito poucos livros com críquete que conseguiu ser um êxito nos Estados Unidos.

SIMON BRETT

Produtor do episódio-piloto de
The Hitchhiker's Guide to the Galaxy
na Radio 4



A VIDA.
O UNIVERSO
E TUDO
O RESTO

O habitual grito de terror matutino era o som de Arthur Dent a acordar e a lembrar-se repentinamente de onde estava. Não era só por a gruta ser fria, nem por ser húmida e malcheirosa. O problema era que a gruta ficava no meio de Islington e só devia haver um autocarro dali a dois milhões de anos.

O tempo é o pior lugar, por assim dizer, para nos perdermos. E Arthur Dent, que já se perdera bastas vezes tanto no tempo como no espaço, bem o podia atestar. Pelo menos, perdermo-nos no espaço deixava-nos ocupados.

Devido a uma sequência complexa de acontecimentos que haviam levado a que fosse rebentado e insultado, alternadamente, em regiões bizarras da Galáxia que ele nunca sonhara existirem, Arthur ficara preso na Terra pré-histórica. E embora a vida tivesse agora ficado muito, muito, muito calma, ele continuava a sentir-se assustado.

Havia cinco anos que não era rebentado.

Uma vez que não via praticamente ninguém desde que ele e Ford Prefect haviam seguido os seus caminhos, quatro anos antes, também não fora insultado nesse tempo.

Exceto uma vez.

Acontecera numa noite primaveril, cerca de dois anos antes.

Estava a voltar à sua gruta, pouco depois do pôr do Sol, quando reparou num festival de luzes que piscavam tenebrosamente entre as nuvens.

Virou-se e ficou a olhar, uma nesga de esperança a abrir-se-lhe no coração. Salvamento. Fuga. O sonho impossível do naufrago — uma nave.

E, ao olhar, ao fitar em êxtase e entusiasmo, uma comprida nave prateada desceu no ar quente da noite, em silêncio, sem estrilho, as pernas longas a estenderem-se num bailado tecnológico gracioso.

Pousou com suavidade no chão e o leve gemido que produzia desvaneceu-se, como se embalado pela calma noturna.

Estendeu-se uma rampa.

Projetou-se luz.

Na escotilha surgiu uma alta silhueta recortada contra a iluminação. A silhueta desceu a rampa e parou à frente de Arthur.

— És um parvalhão, Dent — limitou-se a dizer.

Era alienígena, muito alienígena. Tinha uma altura alienígena peculiar, uma cabeça achatada alienígena peculiar, olhinhos em fenda alienígenas peculiares, vestes douradas extravagantes com uma gola peculiarmente alienígena, e pele verde-acinzentada-clara alienígena com aquele brilho lustroso que a maioria dos rostos verde-acinzentados só consegue alcançar com bastante exercício e sabonete dispendioso.

Arthur mirou-a.

Ela fitou-o.

As sensações de esperança e de trepidação que Arthur tivera originalmente haviam sido assoberbadas pelo espanto, com toda uma série variada de pensamentos a digladiarem-se, naquele momento, pelo uso das cordas vocais.

— Quaaaa...? — disse ele.

— Ma... aa... aa... — acrescentou.

— Ru... ra... quaaa... quem? — lá conseguiu pronunciar, e mergulhou num silêncio deveras frenético. Estava a sofrer os efeitos de passar um tempo incomensurável sem dirigir a palavra a ninguém.

A criatura alienígena carregou ao de leve o cenho e consultou o que parecia ser uma espécie de prancheta que segurava na mão alienígena magra e alongada.

— Arthur Dent? — perguntou.

Arthur acenou lentamente que sim.

— Arthur *Philip* Dent? — insistiu o alienígena num tipo peculiar de ladrido eficiente.

— Aaa... aaa... sim... aaa... aaa — confirmou Arthur.

— És um parvalhão — repetiu o alienígena —, um verdadeiro palhaço.

— Aaa...

A criatura assentiu para consigo, fez uma marca alienígena peculiar na prancheta e deu meia-volta rápida de regresso à nave.

— Aaa... — exclamou Arthur desesperadamente —, aaa...

— Não me venhas com isso — atalhou rispidamente o alienígena. Marchou rampa acima, entrou pela escotilha e desapareceu no interior da nave. O veículo selou-se. Começou a emitir um leve gemido.

— Aaa, ei! — bradou Arthur, e começou a correr miseravelmente na direção da nave.

— Espere aí! — chamou. — O que foi isto? O quê? Espere lá um bocadinho!

A nave ergueu-se, como se despi-se o peso, qual manto, e o deitasse para o chão, e ali ficou a pairar brevemente. Subiu bizarramente para o céu da noite. Atravessou as nuvens, iluminando-as por breves momentos, e então desapareceu, deixando Arthur sozinho, numa imensidão de terra, a dançar uma dançazinha miserável.

— O quê? — gritou. — O quê? O quê? Ei, o quê? Volte aqui e diga-me isso!

Saltou e dançou até ficar de pernas a tremer, e gritou até ficar de pulmões a arder. Não obteve qualquer resposta. Não havia ninguém que o ouvisse ou que falasse com ele.

A nave alienígena já ribombava a caminho das camadas mais altaneiras da atmosfera, destinada a entrar no vazio assombroso que separa as muito poucas coisas que existem no Universo umas das outras.

O seu ocupante, o alienígena de tez dispendiosa, recostou-se no lugar único. O seu nome era Wowbagger, o Infinitamente Prolongado. Era um homem com um objetivo. Ele seria o primeiro a admitir que o objetivo não era grande coisa, mas, pelo menos, era um objetivo, e sempre o mantinha em movimento.

Wowbagger, o Infinitamente Prolongado, era — e é — um dos muito poucos seres imortais do Universo.

Quem nasce imortal sabe, intuitivamente, como lidar com a situação, mas Wowbagger não pertencia a esse grupo. Com efeito, ele acabara por odiá-los, esses sacanas serenos. A imortalidade fora-lhe concedida

inadvertidamente devido a um acidente infeliz com um acelerador de partículas irracional, um almoço líquido e um par de elásticos. Os pormenores do acidente são irrelevantes, pois nunca ninguém foi capaz de repetir as circunstâncias exatas em que ele acontecera, com muita gente a acabar a fazer figura de tola, ou morta, ou ambas as situações.

Wowbagger, fechando os olhos, assumiu uma expressão sombria e enfastiada, pôs *jazz* ligeiro a tocar na aparelhagem da nave, e refletiu que teria conseguido, não fossem as tardes de domingo, a sério que teria.

Começara por ser divertido — era um pagode, viver assim perigosamente, correr riscos, sacar investimentos avultados a longo prazo, e, de um modo geral, viver, sem comparação, bastante mais do que toda a gente.

Acabara por não conseguir aguentar as tardes de domingo, aquela indolência terrível que começa a instalar-se por volta das 14:55, quando sabemos que já tomámos todos os banhos com alguma utilidade do dia, que, por mais que fitemos um dado parágrafo no jornal, nunca o conseguiremos ler, nem usar a nova técnica revolucionária de poda que ele descreve, e que ao olharmos para o relógio, os ponteiros vão avançar impiedosamente até às quatro, altura em que entramos na longa e negra hora do chá da alma.

As coisas passaram então a tornar-se cansativas. Os sorrisos alegres que costumava envergar nos funerais alheios começaram a desvanecer-se. Ele começou a desprezar o Universo em geral e todos os que nele existiam em particular.

Foi nesse momento que deu corpo ao objetivo que o viria a orientar e que, pelo que lhe era dado ver, o orientaria para sempre. Era o seguinte.

Ele insultaria o Universo.

Ou seja, insultaria todos os que nele existiam. Individualmente, pessoalmente, um a um e (algo que fazia questão de seguir à risca) por ordem alfabética.

Quando havia quem argumentasse, como por vezes acontecera, que o plano não só era tolo, como seria impossível, dado o número de pessoas que nasciam e morriam constantemente, ele limitava-se a lançar-lhe um olhar gélido e a dizer: — Podemos sonhar, não?

E, assim, dera início à sua missão. Equipou uma nave construída para durar com um computador capaz de lidar com a capacidade de processamento de dados necessário para acompanhar toda a população do

Universo conhecido e traçar as rotas horrivelmente complicadas envolvidas no processo.

A nave atravessou as órbitas interiores do sistema estelar do Sol, preparando-se para usar a estrela como fisga e lançar-se para o espaço interestelar.

— Computador — chamou.

— Aqui — trinou o computador.

— Para onde vamos agora?

— A processar.

Wowbagger mirou por um instante a fantástica joalheria da noite, os milhares de milhões de diamantes minúsculos, os mundos que enchiam as trevas infinitas com luz. Todos eles, cada um deles, estava no seu itinerário. Visitaria milhões de vezes a maioria deles.

Imaginou, por um momento, que a sua rota ligava os pontos no céu como uma diversão infantil. Esperava que, de algum ponto do Universo, se visse que soletrava uma palavra mesmo muito feia.

O computador soltou um apito átono para indicar que terminara os cálculos.

— Folfanga — proferiu. Apitou.

— Quarto mundo do sistema Folfanga — continuou. Voltou a apitar.

— Duração estimada da viagem, três semanas — continuou ainda mais. Apitou novamente.

— Vai encontrar uma pequena lesma — apitou —, do género A-Rth-Urp-Hil-Ipdenu.

— Julgo — acrescentou, depois de uma breve pausa durante a qual apitou — que decidira chamar-lhe parvo desmiolado.

Wowbagger soltou um ronco. Observou a majestade da criação que se dava a ver pela janela por um momento ou dois.

— Acho que vou fazer uma sesta — proclamou, ao que acrescentou: — Por que áreas de rede vamos passar nas próximas horas?

O computador apitou.

— Cosmovid, Thinkpix e Home Brain Box — informou, e apitou.

— Há algum filme que eu ainda não tenha visto trinta mil vezes?

— Não.

— Uh.

— Temos o *Angústia no Espaço*. Ainda só o viu trinta e três mil, quinhentas e dezassete vezes.

— Acorda-me para a segunda bobina.

O computador apitou.

— Bons sonhos — desejou.

A nave prosseguiu viagem através da noite.

Entretanto, na Terra começou a cair um dilúvio, e Arthur Dent ficou na gruta a ter um dos piores serões de toda a sua vida, a pensar nas coisas que poderia ter dito ao alienígena e a matar moscas, que também tiveram um serão péssimo.

No dia seguinte fez uma bolsa a partir de pele de coelho, pois julgou que seria útil para guardar coisas.



Ao sair da gruta a que ele chamava o seu lar, pelo menos até pensar num nome melhor ou até encontrar uma gruta mais apetecível, a presente manhã, dois anos depois do acontecido, apresentava-se amena e fragrante.

Embora lhe voltasse a doer a garganta por causa do seu grito de horror matutino, Arthur estava, de súbito, com um bom humor estupendo. Envolveu-se com o roupão deplorável e olhou radiante para a manhã brilhante.

O ar estava limpo e perfumado, a brisa soprava levemente pela erva alta em torno da gruta, os pássaros chilreavam entre eles, as borboletas batiam alegremente as asas e a natureza parecia estar a conspirar para se apresentar tão agradável quanto lhe fosse possível.

Mas não eram todas estas maravilhas pastorais que deixavam Arthur tão bem-disposto. Ele acabara de ter uma ideia maravilhosa sobre como lidar com o terrível isolamento solitário, com os pesadelos, com o fracasso de todas as suas tentativas de incursão pela horticultura e a futilidade e inutilidade da sua vida naquela Terra pré-histórica: iria ficar louco.

Mais uma vez radiante, deu uma dentada na perna de coelho que lhe sobrava do jantar. Mastigou alegremente por alguns instantes, após o que decidiu anunciar a decisão.

Endireitou-se e fitou diretamente o mundo nos montes e cabeços.

Para dar peso adicional às suas palavras, enfiou o osso de coelho no cabelo. Abriu os braços bem esticados.

— Vou dar em louco! — proclamou.

— Boa ideia — concordou Ford Prefect, descendo da pedra onde estivera sentado.

O cérebro de Arthur deu um salto mortal. O maxilar fez flexões.

— Eu dei em doido por uns tempos — comentou Ford —, foi de extrema utilidade.

Os olhos de Arthur fizeram umas quantas rodas.

— Bem vêς — continuou Ford —, ...

— Onde é andaste? — interrompeu Arthur, agora que a cabeça terminara a sessão de treinos.

— Por aí — respondeu Ford —, por ali e por aqui. — Ofereceu aquilo que julgava corretamente ser um sorriso irritante. — Não me preocupei com nada durante uns tempos. Imaginei que se o mundo me quisesse mesmo, ele chamava-me. E assim foi.

Tirou o Sensomático Subetéreo da sacola, por esta altura terrivelmente surrada e puída.

— Pelo menos — disse ele —, julgo que sim. Isto tem andado aos soluços. — Abanou-o. — Se por acaso foi falso alarme, dou em doido — afirmou —, outra vez.

Arthur abanou a cabeça e sentou-se. Ergueu o olhar.

— Pensei que estivesse morto... — limitou-se a dizer.

— Também eu, durante uns tempos — explicou Ford —, e depois passei duas semanas confiante de que era um limão. Passei essa temporada a divertir-me enquanto entrava e saía de um gim tónico.

Arthur pigarreou, e depois voltou a fazê-lo.

— Onde — começou ele a perguntar —, é que tu...?

— Encontrei um gim tónico? — concluiu Ford alegremente. — Encontrei um pequeno lago que julgava ser um gim tónico e fui mergulhando. Pelo menos acho que julgava ser um gim tónico.

— Talvez — acrescentou, com um sorriso que faria homensãos treparem árvores — o tenha imaginado.

Esperou por uma reação por parte de Arthur, mas este sabia bem que devia ficar quieto.

— Continua — pediu calmamente.

— A questão — adiantou Ford — é que não vale a pena dares em doido a tentares evitar que dêes em doido. Mais vale deixares-te levar e poupares a sanidade para depois.

— E isto és tu outra vez são, certo? — indagou Arthur. — É só para saber.

— Fui a África — ofereceu Ford.

— Sim?

— Sim.

— E como foi a viagem?

— E esta é a tua gruta? — perguntou Ford.

— Aaa, sim — respondeu Arthur. Sentia-se muito estranho. Estava tão satisfeito e aliviado por ver Ford depois de perto de quatro anos de isolamento total que até era capaz de chorar. Ford, por outro lado, era uma pessoa que se tornava irritante quase de imediato.

— Muito gira — elogiou Ford, referindo-se à gruta de Arthur. — Deves detestá-la.

Arthur não se deu ao trabalho de responder.

— África foi muito interessante — recuperou Ford. — Tive um comportamento deveras bizarro por lá.

Olhou pensativamente para o horizonte.

— Comecei a ser cruel para com os animais — disse, com leveza. — Mas só como passatempo — acrescentou.

— Ah, sim — retrucou Arthur, à cautela.

— Pois — garantiu-lhe Ford. — Não te vou incomodar com os pormenores, pois eles iriam...

— O quê?

— Incomodar-te. Mas talvez te interesse saber que fui o único responsável pela forma evoluída do animal que virias a conhecer séculos mais tarde como girafa. E tentei aprender a voar. Acreditas?

— Conta-me lá — pediu Arthur.

— Depois. Deixa-me só referir que o *Guia* diz...

— O...?

— *Guia. O Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia*. Lembras-te?

— Sim. Lembro-me de o atirar ao rio.

— Pois — confirmou Ford —, mas eu pesquei-o.

— Não me disseste.

— Não queria que o voltasses a atirar à água.

— Faz sentido — admitiu Arthur. — Ele diz?

— O quê?

— O *Guia* diz?

— O *Guia* diz que é preciso arte para voar — completou Ford —, ou, melhor, é preciso jeito. É preciso jeito para aprender a atirares-te ao chão e falhares. — Esboçou um sorriso. Apontou para os joelhos das calças e levantou os braços para exhibir os cotovelos. Estavam puídos e rasgados.

— Até agora, não me dei muito bem — constatou. Estendeu a mão. — Fico contente por te voltar a ver, Arthur — acrescentou.

Arthur meneou a cabeça num acesso súbito de emoção e de espanto.

— Há anos que não vejo ninguém — exclamou —, ninguém. Nem me lembro de como se fala. Estou sempre a esquecer-me das palavras. Eu bem pratico, sabes? Practico a falar com... a falar com... o que são aquelas coisas que fazem com que as pessoas pensem que estamos loucos se falamos com elas? Como o Jorge Terceiro.

— Reis? — aventou Ford.

— Não, não — disse Arthur. — As coisas com que ele falava. Valha-me a santa, estamos cercados por elas. Já plantei centenas. Morreram todas. Árvores! Eu pratico a falar com árvores. Isso é para quê?

Ford continuava de mão estendida. Arthur mirou-a, sem compreender.

— Aperta — incitou Ford.

Arthur obedeceu, nervoso ao início, como se a extremidade se viesse a revelar ser um peixe. Depois agarrou-a vigorosamente com ambas as mãos, numa onda de alívio que o assoberbou. Apertou e continuou a apertar.

Passado um bocado, Ford sentiu necessidade de se soltar. Subiram a uma elevação rochosa próxima e perscrutaram a cena à volta deles.

— O que aconteceu aos golgafrinchans? — perguntou Ford.

Arthur encolheu os ombros.

— Muitos não aguentaram o inverno de há três anos — explicou —, e os poucos que restavam na primavera disseram que precisavam de férias e lançaram-se numa jangada. Segundo a história, devem ter sobrevivido...

— Mmm — proferiu Ford —, muito bem. — Levou as mãos às ancas e voltou a olhar para o mundo vazio em seu redor. De repente, Ford emanava uma sensação de vigor e de propósito.

— Vamo-nos embora — afirmou, entusiasmado, e estremeceu de energia.

— Aonde? Como? — questionou Arthur.

— Não sei — admitiu Ford —, mas sinto que está na altura. Vão acontecer coisas. Estamos a caminho.

Baixou a voz para um murmúrio.

— Detetei — transmitiu — distúrbios nos ciclos das águas.

Mirou atentamente a distância, parecendo não se importar que, naquele momento, o vento lhe soprasse o cabelo para trás com um certo dramatismo, mas o vento estava ocupado a brincar com umas folhas afastadas dali.

Arthur pediu-lhe que repetisse o que acabara de dizer, pois não lhe percebera o sentido. Ford repetiu-se.

— Os ciclos das águas? — repetiu Arthur.

— O ciclo das águas espaciotemporais — completou Ford, e como o vento soprou brevemente naquela altura, ele arreganhou-lhe os dentes.

Arthur assentiu, e depois pigarreou.

— Estamos a falar — perguntou, à cautela — de uma espécie de lavandaria vogon, ou estamos a falar do quê?

— Refluxos — explicou Ford — no *continuum* espaciotemporal.

— Ah — aquiesceu Arthur —, foi algo que alguém comeu? Foi? — Enfiou as mãos no bolso do roupão e olhou com conhecimento de causa para o infinito.

— O quê? — indagou Ford.

— Aaa, quem — disse Arthur —, quem é que teve o refluxo, e pode ter sido alguma coisa que comeu?

Ford lançou-lhe um olhar furibundo.

— Fazes o favor de me ouvir? — cuspiu.

— Eu tenho estado a ouvir — garantiu Arthur —, mas não sei se serviu de alguma coisa.

Ford agarrou-o pelas lapelas do roupão e dirigiu-se-lhe lenta, distinta e pacientemente como se ele pertencesse ao atendimento de clientes de uma companhia telefónica.

— Parece... — disse — que há bolsas... — disse — de instabilidade... — disse — no tecido... — disse...

Arthur olhou nesciamente para o pano do roupão que Ford segurava.

Ford concluiu a ideia antes que Arthur conseguisse transformar um olhar tolo num comentário parvo.

— ...no tecido espaciotemporal — rematou.

— Ah, isso — exclamou Arthur.

— Sim, isso — confirmou Ford.

Ali ficaram, sozinhos, numa colina da Terra pré-histórica, a entreolharem-se resolutamente.

— E ele fez o quê? — perguntou Arthur.

— Ele — respondeu Ford — desenvolveu bolsas de instabilidade.

— A sério? — questionou Arthur, os olhos firmes.

— A sério — repetiu Ford com um grau semelhante de imobilidade ocular.

— Ótimo — disse Arthur.

— Vês? — indagou Ford.

— Não — admitiu Arthur.

Fez-se uma breve pausa.

— A grande dificuldade com esta conversa — pronunciou Arthur depois de uma espécie de olhar compenetrado lhe ter subido lentamente o rosto, qual montanhista a escalar uma projeção complicada — é o facto de ser muito diferente das que tenho tido ultimamente. As quais, tal como expliquei, foram, na sua grande maioria, com árvores. Não foram, de todo, assim. Exceto, talvez, algumas das que tive com ulmeiros, que por vezes se tornam demasiado enredadas.

— Arthur — proferiu Ford.

— Olá? Sim? — respondeu Arthur.

— Acredita no que te digo e tudo se tornará muito mais fácil.

— Pois, sabes, não sei se acredito nisso.

Sentaram-se e ordenaram as ideias.

Ford pegou no Sensomático Subetéreo, que produzia gemidos vagos e onde uma luzinha tremeluzia ao de leve.

— Sem bateria? — aventou Arthur.

— Não — esclareceu Ford —, há uma perturbação móvel no tecido espaciotemporal, um refluxo, uma bolsa de instabilidade, e está algures na nossa vizinhança.

— Onde?

Ford deslocou o aparelho num semicírculo lento e levemente irregular. De repente, a luz piscou.

— Ali! — exclamou Ford, esticando o braço. — Ali, atrás daquele sofá!

Arthur olhou. Para seu grande espanto, no campo à frente deles jazia um sofá *Chesterfield* com padrão de cornucópias aveludadas. Fitou-o com uma expressão boquiaberta inteligente. Questões pertinentes assomaram-lhe à mente.

— Por que razão — entoou — está um sofá naquele campo?

— Eu disse-te! — gritou Ford, pondo-se de pé de um salto. — Refluxos no *continuum* espaciotemporal!

— E foi neste sofá que refluxaram? — indagou Arthur, levantando-se com alguma dificuldade, e esperou, com pouco otimismo, que fosse menos difícil voltar a dar sentido às coisas.

— Arthur! — bradou-lhe Ford. — Aquele sofá está ali devido à instabilidade espaciotemporal sobre a qual tenho vindo a tentar que esse teu cérebro em fase terminal de tão frouxo perceba. Saiu do *continuum* devido ao refluxo, é um destroço espaciotemporal, não interessa o que é, mas temos de o apanhar: é a nossa única maneira de sair daqui!

Desceu rapidamente a elevação rochosa e disparou pelo campo.

— Apanhá-lo? — resmungou Arthur, carregando depois o cenho assarapantado ao ver que o *Chesterfield* se bamboleava tranquilamente sobre a erva.

Com um urro de prazer totalmente inesperado, Arthur saltou da pedra e encetou uma perseguição frenética a Ford Prefect e à mobília irracional.

Correram, alucinados, pela erva, saltando, rindo-se, gritando instruções a cada um para orientarem o sofá para aqui ou para ali. O Sol brilhava languidamente sobre a erva ondulante, minúsculos animais do campo fugiam a quantas patas tivessem, à sua passagem.

Arthur sentia-se feliz. Estava absolutamente satisfeito por o dia estar, por fim, a sair tão de acordo com o planeado. Ainda há meros vinte minutos decidira que iria dar em louco, e agora ali estava, a perseguir um sofá pelos campos da Terra pré-histórica.

O sofá saracoteava de um lado para o outro e parecia, ao mesmo tempo, sólido ao passar ao largo de certas árvores e etéreo como um sonho febril ao flutuar como um fantasma através de outras.

Ford e Arthur continuaram com a sua perseguição caótica, mas o sofá esgueirava-se e zigzagueava, como se seguisse uma topografia matemática complexa muito própria, o que era verdade. Mas os dois continuaram a

sua perseguição, e o sofá continuou a dançar e a rodopiar, e de repente virou-se e inclinou-se, como se estivesse a atravessar a depressão de um gráfico catastrófico, e eles ficaram praticamente em cima da mobília. Tomaram balanço, gritaram e saltaram, o Sol apagou-se, eles caíram através de um vazio ansioso, e apareceram, inesperadamente, no meio de um campo em Lord's Cricket Ground, St John's Wood, Londres, perto do final do último jogo do Campeonato Australiano do ano de 198..., com a Inglaterra a precisar apenas de vinte e oito corridas para vencer.